

# QUILOMBOLAS GURUTUBANOS DE MALHADA GRANDE: SUA HISTÓRIA, SABERES E PRÁTICAS COM PLANTAS ALIMENTARES

COLEÇÃO

NORTE

DE MINAS



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE VIÇOSA



GARTILHA 2

PROEXT

PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
MCC/CSU

© 2016, Universidade Federal de Viçosa e  
Programa de Extensão Universitária - MEC/SESu

Elaboração	Ilustrações
LIS SOARES PEREIRA	LIS SOARES PEREIRA
ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO	VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA
PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR	ANA CECÍLIA ROMANO DE MELLO
LUANA SANTOS DAYRELL	PABLO ANDRES PENTEADO AGUILAR
FERNANDA AYARAVI MATUKY	MARCO PAULO ANDRADE
GUSTAVO TABOADA SOLDATI	
REINALDO DUQUE BRASIL LANDULFO TEIXEIRA	
CARLOS ERNESTO G. R. SCHAEFER	
FRANCE MARIA GONTIJO COELHO	

Agradecemos pelo apoio no trabalho de campo:  
CAA - CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS;  
VINÍCIUS RENNÓ BUENO DA CUNHA; RAPHAEL JONAS CYPRIANO;  
SARA DEAMBROZI COELHO; DAVI FEITAL GJØRUP; EDUARDO SENRA

Projeto gráfico e diagramação: Carlos Joaquim Einloft  
Impressão: Gráfica Universitária/UFV. Tiragem: 300 exemplares

### Ficha catalográfica preparada pela Seção de Referência e Atendimento ao Público da Biblioteca Central da UFV

C327      Cartilha 2: Quilombolas gurutubanos de Malhada Grande: sua história, saberes  
2016      e práticas com plantas alimentares / Elaboração Lis Soares Pereira... [et al.] Viçosa,  
MG : Universidade Federal de Viçosa; MEC/SESU, 2016. (Coleção Norte de Minas)  
35 p. : il. ; 25 cm.

Projeto Etnobotânica e soberania alimentar no norte de Minas Gerais: resgate de plantas alimentícias tradicionais entre gerazeiros, caatingueiros, vazanteiros e quilombolas.

1. Etnobotânica. 2. Ecologia humana. 3. Plantas comestíveis. 4. Comunidades tradicionais – Minas Gerais. 5. Quilombolas. 6. Memória. 7. História. I. Pereira, Lis Soares. II. Universidade Federal de Viçosa. PróReitoria de Extensão e Cultura. III. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. IV. Brasil. Secretaria de Ensino Superior. V. Norte de Minas. VI. Título.

CDD 22. ed. 581.634

# CONTEÚDO

Apresentação.....	05
A identidade quilombola.....	06
Histórias que o povo conta: “De primeiro era assim...”.....	08
Como surgiu a comunidade de Malhada Grande?.....	09
O nome Malhada Grande.....	11
A luta pelo território e pela terra..	12
O carro de boi e suas lembranças ..	14
Paisagens, ambientes e território.....	17
Quintal: um ambiente diferente.....	21
As plantas e a alimentação na comunidade de Malhada Grande.....	26
Agradecimentos finais .....	33



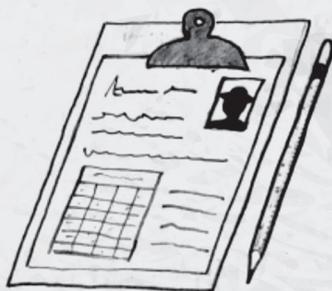
De nuvens, janeiro agora eu vejo.  
Estrela me conduz, Dias de Santos Reis.  
Domingo, Pajé e a rezadeira,  
Serenos na sereia.  
Vem chuva, Você sorriu assim.  
Mineira, Umbu, queijo e pequi.  
Cachaça e requeijão.  
Baiana, Farinha de aipim.  
Abelha, Colmeia, doce mel,  
Clareia o fim de feira.  
Melissa, Sertão é meu jardim!  
(Música de Eder Borborema, Porteirinha – MG)

# APRESENTAÇÃO

Esta cartilha surgiu como um dos resultados de um projeto de pesquisa iniciado em 2010. Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi registrado na UFV com o nome ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE GERAIZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS. Aquele projeto visava realizar o registro dos conhecimentos tradicionais associados ao uso de plantas alimentares. Essas plantas são obtidas tanto por atividades de cultivo e manejo quanto por práticas extrativistas realizadas em terras dos cerrados, caatingas e matas secas da região norte mineira. A partir da pesquisa original, em 2015, por meio de um projeto de Extensão Universitária, intitulado POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS, financiado com recursos do PROEXT, teve início a produção de cartilhas e catálogos para a devolução dos dados às co-

munidades. Dessa forma esperamos ajudar na divulgação e valorização das histórias e dos conhecimentos locais que foram sistematizados com a pesquisa.

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS surge, assim, como realização de um compromisso ético de devolução dos resultados às comunidades que foram parceiras nos levantamentos de dados em campo. Acreditamos que as cartilhas e catálogos podem ser instrumento de múltiplas aprendizagens. Os conhecimentos aqui apresentados são parte dos costumes do povo do lugar. Contudo, esperamos que os grupos tradicionais possam divulgar, para todos que queiram



ler as cartilhas, o sentido das lutas, de forma que conquistem o reconhecimento social de sua identidade, de seus saberes e de seus direitos.

Nesta cartilha falaremos dos resultados da pesquisa feita em uma das comunidades parceiras da pesquisa, a comunidade quilombola de Malhada Grande,

que fica em Catuti, na região norte de Minas Gerais. Na época da pesquisa, os gurutubanos já tinham seu reconhecimento como quilombolas, mas ainda lutavam para conquistar, junto ao INCRA, o reconhecimento de posse do território na bacia do Gorutuba, mantendo a localização da maioria da comunidade do outro lado do Rio Serra Branca.

## A identidade quilombola

Os quilombolas mantêm aspectos significativos da sua cultura e de sua forma de reprodução cultural enraizados na diversidade de ecossistemas presentes nas planícies do entorno do rio São Francisco e nas margens de lagos, ribeirões e rios que formam a bacia do rio Verde Grande e Gorutuba.

A maior parte das comunidades quilombolas da região tem sua origem no final do Sec. XVII e se formaram por negros fugidos do domínio escravocrata. Curiosamente, durante muitos anos, as



chamadas condições insalubres das matas, em razão da malária, serviram de proteção contra a chegada dos brancos. Porém, nas décadas de 1930 e 1940 ocorre a derrubada da mata Jayba por ocasião da construção de uma linha férrea na região. Além disso, depois de 1970, com a ação dos governos militares na região, que justificavam suas políticas como uma necessidade de modernização e desenvolvimento econômico, a pressão sobre essa população se intensificou. Nesse contexto, essas comunidades começaram a ter os seus territórios expropriados, e, conseqüente, maior ameaça de deterioração de seus modos de vida e autonomia.

De posse dessas informações, a Equipe de Pesquisa chegou, em 2010, na casa do Seu Mariano e Dona Avelina, quando a comunidade quilombola se reuniu para ouvir a proposta da pesquisa e autorizar sua participação nos trabalhos sobre as plantas alimentares e seus ambientes. O objetivo era apresentar a proposta do projeto e adequá-la às condições locais e aos interesses da comunidade. Desde esse primeiro encontro, além de ter sido relatado um histórico geral da luta dos

quilombolas do Gorutuba e da luta que a comunidade ainda travava por seu reconhecimento, para melhor entendimento do processo foi riscado no chão, pelos presentes, um mapa da comunidade e da região, o que já permitiu identificar algumas características marcantes.

Depois, junto com eles, assistimos na TV, o documentário Unha Preta, que foi feito em 2009 pelo Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas e pela Comissão Comunidades dos Povos Tradicionais. Nesse documentário pudemos ver a história e as lutas do povo gurutubano. Ao ver o documentário começamos a melhor entender o contexto, o significado do lugar onde estávamos e o sentido da luta das pessoas de Malhada Grande. Um depoimento marcante foi de Seu Mariano:

Até algemado eu fui, eu fui, só que tenho orgulho de ter sido algemado pra defender o que é meu, o que é dos outros, que tem deles que nem coragem de ser algemado pra defender o que é deles não tem, eles não têm. Eu tenho!

Desde aquele momento foram estabelecidos compromissos para ambas as partes. Nos dias seguintes, foram realizadas entrevistas com alguns moradores da comunidade. Conversamos sobre as plantas utilizadas na alimentação, suas formas de uso, de preparo, costumes alimentares. Também indagamos sobre os diferentes ambientes da região, coletamos amostras de solo, anotamos tudo que foi possível e tudo o mais que uma boa conversa nos permitisse!

Quase um ano e meio depois, em agosto de 2012, voltamos na comunidade para trazer, de forma sistematizada, o que havíamos registrado como informação. Nesta volta buscamos confirmar algumas coisas e melhor esclarecer algumas dúvidas que surgiram das anota-

ções. Neste intervalo, no entanto, num trágico acidente haviam falecido o motorista do veículo e 8 quilombolas, dentre eles, Seu Mariano, uma liderança muito importante no grupo. Mas... como dizem, a luta tem de continuar.

Por isso, neste ano de 2016, depois que muita coisa aconteceu desde a primeira visita, com essa cartilha pretendemos deixar registrado o que nos foi relatado sobre a vida em Malhada Grande e sobre as plantas utilizadas na alimentação, os ambientes e o sentido de tudo isso para os gurutubanos dessa comunidade tradicional. Por conta de tudo que nos ensinaram, nos vimos desafiados a estudar muitas outras coisas e parte delas, de certa forma, também estão registradas nesta cartilha.

## Histórias que o povo conta: “De primeiro era assim...”

Como o tempo vai passando, para que a história desse povo não corra o risco de ser esquecida, deixamos aqui registrados

alguns fragmentos das memórias que nos foram relatadas. Entre os moradores as lembranças estão muito vivas, pois são

constantemente contadas pelos antigos. Ao recontar os “causos” que os avós contavam, os moradores da comunidade mantêm

seus laços de vida e o significado das experiências, das lutas, das vitórias, das perdas e das conquistas.

## Como surgiu a comunidade de Malhada Grande?

Do que se sabe e do que nos foi contado, os antepassados dos moradores de Malhada Grande são negros trazidos da África e que foram escravizados no Brasil, na época em que o país ainda era colônia de Portugal.

Na região de Diamantina e Grão Mogol, nós trabalhava forçados nas grandes fazendas e engenhos. Muitos fugiram de lá. Foi preciso muita coragem para chegar na região do rio Gorotuba. Isso foi prá mais de 200 anos. Assim foi formado o quilombo.

Na época, a região do Gorotuba estava infestada de mosquitos de malária. Mas, essa doença, cha-

mada de maleita pelos moradores mais antigos da comunidade, não matava a maioria dos negros. Assim conta um morador da comunidade:

[os negros fugidos] ficaram aqui, escondidos das pessoas que escravizavam. E deu certo pra eles, porque aqui tinha a maleita que matava os homens branco que escravizavam eles tudo. Então os homens brancos não tinham coragem de vir prá esses lados. Mas os negros mesmo, morreram pouco disso, eram mais resistentes a essa doença.

Com essa coragem e força, o quilombo foi surgindo e o grupo ficou mais seguro e protegido dos bran-

cos, que eram os grandes fazendeiros que caçavam seus escravos aquilombados para poder escravidar novamente. Assim, sentindo-se mais seguros, os escravos foram ficando nas terras do quilombo e a comunidade foi crescendo e se transformando. Desses relatos, lembramos dos grandes Sertões – veredas de Guimarães Rosa, como descrito mais abaixo.

Ao longo desses anos todos, os antepassados foram criando os costumes. Muitos desses costumes já se perderam, mas outros

se mantiveram. Um exemplo dessa tradição é o batuque e o sapateado, que são expressões culturais de origem muito antiga, africana mesmo. Os tambores, chamados de caixas, e a dança embalada pelos cantos, o sapateado dos homens e das mulheres com suas saias rodadas, revelam histórias e sentimentos. São histórias antigas ou do tempo mais próximo, anedotas ou ‘causos’ mais tristes. Esse batuque é momento de encontro da comunidade e é, principalmente, momento de alegria.

“O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa, sossega e  
depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem”.  
(Guimarães Rosa)



## O nome Malhada Grande

O nome: essa sim é uma história que poucos têm certeza. O que um sabe vai sendo passado de pai para filho. Com certeza tem muitas versões, muitas histórias. Um morador da comunidade nos contou:

Bem, a gente não tem muita certeza disso. Eu disconfio, meu avô até falava, que aqui tem esse nome porque era um lugar que os boi maiava [descansavam] tudo junto. E era muito boi. Por isso o nome Malhada Grande.

Das conversas entendemos que Malhada Grande era uma terra marcada pelo uso comum das mangas (área de pasto) e das áreas de cultivo. Além disso, era costume cercar as casas para o gado não comer as hortas. Hoje, isso já mudou, como contaram os moradores: eles cercam as mangas e deixam os quintais abertos.

As práticas de poucas cercas é uma marca na comunidade e demonstra uma forma comunitária de ligação dos moradores, uns com os outros. Assim, as poucas cercas evidenciam um tipo de solidariedade de uma identidade compartilhada e que, de certo modo, foi sendo construída e mantida ao longo do tempo.

Com certeza muita coisa mudou nesses duzentos anos num território que sempre foi cobiçado pelos fazendeiros. Não só as pessoas mudam, mas a configuração dos ambientes também mudam. Entretanto, muita coisa é mantida. Certas práticas se mantêm e elas, constantemente, fazem lembrar aos moradores como a vida era nos tempos passados, de onde vieram, o que já fizeram e porque fazem, o que fazem, no momento presente.

As famílias cultivavam a terra em grupos e para o sustento e foi assim que a comunidade foi cres-

cendo. Os moradores de Malhada Grande contam que havia muita “fartura” de plantios, com vários tipos de feijão, de mandioca, de milho, maxixe, abóbora e por aí vai. Depois de toda essa história, na lista de plantas que estão na Cartilha 9 da coleção, podemos ver a diversidade de cultivos praticados até hoje.

O povo quilombola ficou conhecido na região como os gurutubanos,

ou seja, como aqueles negros que habitavam o vale do Gorutuba e que viviam em comunidade como irmãos. Essa é sua maior característica. Mas, algumas pessoas de fora os chamam de “pés rachados”, ao que os quilombolas respondem dizendo que o são “pés rachados” com muito orgulho, pois são agricultores, que retiram da terra, com o suor de seu rosto, o sustento da família e os alimentos de que o povo precisa.

## A luta pelo território e pela terra

Com o passar do tempo, já na década de 1950, o poder do Estado chegou a região com as políticas de higienização pública do governo brasileiro, que se propunha controlar o mosquito transmissor da malária. O mosquito foi combatido até que a doença fosse controlada.

Contraditoriamente, o que seria uma melhora motivou a população de brancos numa investida sobre a região do rio Gorotuba.

A partir de então, os quilombolas passaram a enfrentar as ameaças e as violências dos brancos que queriam suas terras, agora saneadas (limpas ou livres) do mosquito. Sem o reconhecimento do direito à terra ocupada por tantos anos, os gurutubanos ficaram expostos ao poder do Estado e dos coronéis. Interessante é que o mesmo Estado que, pouco tempo atrás, tinha ficado muito preocupado com o controle do mosquito, não agiu para contro-

lar as agressões e expropriações territoriais que os quilombolas passaram a sofrer.

Na década de 1970, com a ditadura do governo militar, uma nova série de invasões e desapropriações das terras tornou os gurutubanos um povo novamente oprimido pelo poder dos fazendeiros coronéis, que agora se apresentavam como os produtores rurais modernos. Com o desenvolvimento do projeto de irrigação Jaíba, ficou ainda mais claro que tipo de desenvolvimento regional era pretendido pelo governo militar da época. Esse projeto simplesmente desconsiderou a existência dos quilombolas na região. Ou seja, eles só foram incluídos no processo como aqueles que seriam excluídos do direito de acesso à terra ou a outros benefícios como o crédito. Assim, o projeto Jaíba desconsiderou e negou os direitos de uso e o conhecimento que os gurutubanos tinham sobre a diversidade de ambientes e de plantas da região. Jaíba não foi um projeto dos gurutubanos e nem para os gurutubanos. Sobre esse momento, conta uma moradora que:

Veio um povo de fora, pedindo assinatura pra gente falando que ia construir estrada. Nem conversavam direito com a gente, já vieram pedindo pra assinar, colocar o dedo, pra quem não sabia escrever. Muita gente acreditou neles. Claro, não imaginavam que eles iam fazer coisa ruim! Eles venderam nossas terras com nossas assinaturas no papel. Ai eles vinham laçando as terras e o povo ia ficando sem nada. Eles escolhiam a terra que era melhor. Venderam pra fazendeiros, gente com muito dinheiro e poder. Mas a gente não aceitou fácil não! Gurutubano é povo forte, bravo! A gente brigou do jeito que deu. Mas eles tinham mais arma. A gente ouvia as balas zunindo no nosso ouvido, só pra intimidar a gente. **Roubaram nossas terras!** Dai a gente veio pra este lado do rio. A gente sempre teve parente pra cá. Mas a nossa vontade é de voltar pra nossa terra e sempre existiu. **E vamos conseguir nossas terras de volta!!**

Como dizem as pessoas na localidade, a luta continua ... O enfrentamento na luta pela terra dura até hoje e a comunidade passa atualmente por um processo, junto ao INCRA, de reconhecimento do território gurutubano. Porém, como nos disseram,

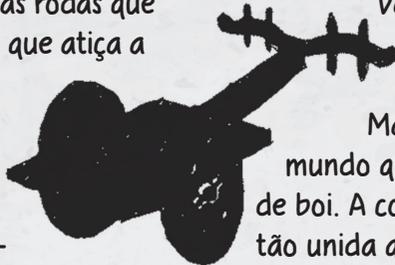
as terras demarcadas estão “do outro lado do rio”. Isto é, Malhada Grande não foi oficialmente incluída no quilombo Gurutuba por estar situada na margem direita do rio que delimita o território demarcado para aquele quilombo.

## O carro de boi e suas lembranças

Logo se vê que Malhada Grande tem muita história. Puxando um pouco mais de “prosa”, o pessoal conta que sente saudades de ouvir o carro de boi cantar. Não é que boi canta, são as rodas que giram e fazem o som que atíça a lembrança do que se foi.

Até uns 30 anos atrás, na comunidade, além do cavalo, o carro de boi foi o principal meio de transporte. Os moradores contam que eles usavam o carro de boi para ir nas cidades próximas, como Mato Verde, onde iam fazer feira nos sábados ou iam vender seus porcos e alguns produtos da

roça. Da mesma forma, o carro de boi era o recurso quando os moradores precisavam pegar água do rio, o que para alguns ficava longe. Nele transportavam as cacimbas cheias de água.



Mas... não era todo mundo que tinha o carro de boi. A comunidade era tão unida que, aqueles que tinham traziam a encomenda da feira de Mato Verde, para aqueles que não podiam ir de carro de boi.

Os moradores iam em vários carros de boi, todos juntos, ouvindo o carro de boi cantar. Eles contam

que essa cantoria do carro é por causa de uma pecinha chamada cantadeira, que fica protegendo o eixo da roda, para que a madeira não esquentasse tanto, a ponto de

pegar fogo por causa do atrito. Era colocada a medida de um chifre de azeite de mamona nessa cantadeira para diminuir o atrito e, por isso, fazia esse barulho, essa cantoria.

Naquele tempo, a gente viajava na sexta-feira. Saia umas três horas da manhã. Quando chegava em Catuti era umas nove, dez horas da noite da sexta. No sábado era a feira. Aí a gente fazia a compra, saía de lá umas duas da tarde ia chegar aqui umas três horas da manhã de domingo. Mas a gente tinha que parar no caminho de ida, senão os bois não aguentavam não. A gente alugava umas mangas (pastos) lá em Catuti, deixava os bois comendo e descansando. Tinha vez que os bois, de tão cansados, que nem comiam, iam direto dormir. A gente ficava em uns pontos de casa dormindo. No sábado cedinho a gente levantava e seguia viagem até Mato Verde. Prá voltar era mais ligeiro, nem parava nem nada porque os bois até vinham mais rápido, com vontade de chegar logo.

O carro de boi revelou a paixão pelo gado que muitos moradores da região ainda têm. Antigamente, contam os moradores que, os bois ou iam puxar o carro de boi ou iam trabalhar na roda de engenho de açúcar, atividade também muito comum na comunidade. Esse trabalho junto exigia que eles fossem criados juntos desde muito novinhos. As duplas recebiam nomes característicos, eram pareados e amarrados jun-

tos, para que assim, eles “criassem amor um pelo outro”. Essa sabedoria na lida com os animais pertence às tradições desse povo. Com o tempo, o costume do carro de boi foi se perdendo. Veio a moto, o carro, o transporte escolar, tudo isso foi mudando certas práticas da comunidade.

Outros costumes também foram mudando, como fazer o plantio do algodão, para poder fiar o

Tinha tanto boi bom, menino! Mercado e Bordado. Rojão e Rio Grande. Cajueiro e Baiano. Rio Grande e Mercano. Diamante. Bordado e Soldado. Veludo e Brasil. Estrela. Esses são os que consigo lembrar agora! Mas tinha um monte! Era até engraçado, porque depois que o boi cria amor um no outro, se chegar um boi de fora pra brigar com um dos dois, os dois entram defendendo. Às vezes se um está brigando, o outro se ver de longe, vem correndo. Aí quem vai correr é o de fora. É... eles ajudavam muito a gente.

algodão, na roda ou no fuso de mão, para fazer roupa. Outros costumes eram: fazer sua própria tarrafa para pescar; fazer farinha de mandioca na casa de farinha; tocar o engenho de açúcar; usar candieiro, cabaça de água, pote

de barro e cacimba no rio, cultivar plantas de chá e raiz... e por aí vai. As histórias desse tempo e a paixão pelas coisas da tradição reinventada ficam na lembrança, como vemos nos “causos” contados por uma moradora:

Lembro da gente trabalhando o dia todo na casa de farinha ou no engenho. Era trabalho demais, mas era uma conversa e uma risaiada tão boa! Lembro também que as casas não eram assim de tijolo de alvenaria. Era tudo de enchimento [de barro]. Aqui não tinha luz elétrica. Era candieiro, feito com puxado de algodão e aceso com gordura de peixe. Depois é que veio o azeite de mamona e o candeeiro de lata e de vidro. Ah! E pra pegar água? Era na cabaça. Quando a água era pouca nos tempos de seca, a gente abria cacimba no rio. Pegava na cabaça e guardava no pote de barro pra poder esfriar. A água ficava fresquinha! E tinha os raizeiros! Gente sabida, entendida das plantas que serviam pra curar as doenças. Hoje em dia tem é hospital, posto de saúde. Tanta coisa que foi mudando...

Outro aspecto importante na manutenção da identidade do grupo é um festejo que acontece mês de julho, a Festa da Bandeira de São Lourenço. Esse é um bom momento para aprender uma série de coisas sobre a comunidade, principalmente se você não é morador de lá. Durante a festa podemos ver a manifestação de algumas tradições. O batuque, o sapateado, a reza e as comidas são manifestação de parte dessas tradições. Tudo que se pode ver nesta Festa deixa claro que é preciso cuidar dessas tradições, pois elas podem se

perder com a partida de alguns personagens.

As coisas mudam, mas vão aparecendo outras coisas, também boas, como a Escola da comunidade, a Associação da Comunidade de Malhada Grande, a Associação das Mulheres Gurutubanas de Malhada Grande. Mais recentemente foi criada a Padaria Mariano Matos da Silva, uma homenagem aquele que foi, e ainda é, um exemplo de liderança, persistência e alegria. Todas essas organizações pretendem manter a comunidade unida e forte para conquistas futuras.

## Paisagens, ambientes e território

Para melhor entender a paisagem e o território de Malhada Grande, Seu Mariano explicou os diferentes ambientes que lá existiam. Por seu significado neste momento, vamos transcrever as partes do diálogo que tivemos com ele quando falamos dos ambientes.

– **Equipe do projeto:** O senhor podia falar sobre dos tipos de mato que tem aqui na região?

– **Seu Mariano:** Veja bem. Desde pequeno eu ando nesses mato tudo. E até hoje, o pessoal que vem de fora, chega aqui na comunidade e acha que esses mato ai é tudo... um igual ao outro. Mas, existem umas diferenças que são muito importantes de saber. Principalmente se você quiser cultivar nessas terras. Eu aprendi muito dessas

coisas com o meu pai e a minha mãe. Assim, aqui na comunidade de Malhada Grande, a gente tem o **Alto** e o **Baixo**. Eles diferem no seguinte: na época das chuvas, o baixo quase todo fica debaixo da água. Já no alto, a água do rio nunca chega.

- **Equipe do projeto:** Então, podemos dizer que existem só estes dois ambientes por aqui?
- **Seu Mariano:** Não, moço. Aqui tem é mais. Deixa eu te falar. Na época das secas, ou quando o rio não tá cheio, e a gente olha para o baixo, a gente vê três ambientes: a **Vage**, a **Vazante** e o **Capão**. Mas quando é a época das chuvas e o rio sobe, a vage e a vazante ficam todas inundadas de água. Já no capão, a água fica em roda.
- **Equipe do projeto:** Vage e vazante... não é tudo igual, já que as duas ficam na beira do rio e quando ele sobe, ficam debaixo da água?
- **Seu Mariano:** Não moço, não é tudo igual não. A vage tem um barro colento, duro, sabe? A terra lá não é boa não. Lá nós só usamos mesmo para maiá o gado. Lá tem uns tipos de pau que só dá na vage que é o Pau Jaú, a

Braúna e o Ranca Gibão. Já na vazante é diferente, pois é lá que tem uma terra mais boa, tem um barro solto de cor preta que é bom pra produzir feijão, arroz, cana e capim. Lá também tem vários tipos de árvores. Lá tem a Assuncinha, o Ingá, o Jatobá e o Jenipapo. Esses tudo a gente pode comer o fruto, você sabia disso?

- **Equipe do projeto:** Não, sabia não! E o capão fica aonde nessa história?
- **Seu Mariano:** O capão, moço, é onde a água seca em roda, sabe? Na época da chuva em que o rio sobe, essa parte fica pra cima da água. É no capão que nós plantamos a mandioca e o amendoim, pois ali a terra é mais branca e arenosa, boa para esses dois. A gente cria animais ali, também, como o cavalo e o gado. Algumas das casas da comunidade ficam no capão. No capão a gente consegue encontrar a Imburana Vermelha, o Araçá, o Pau de Sangue, o Espinho D'agulha e outras mais.
- **Equipe do projeto:** Quanta coisa interessante. Mas e o alto? O senhor ainda não me falou do alto.
- **Seu Mariano:** Quando o rio sobe nas épocas das chuvas, a água

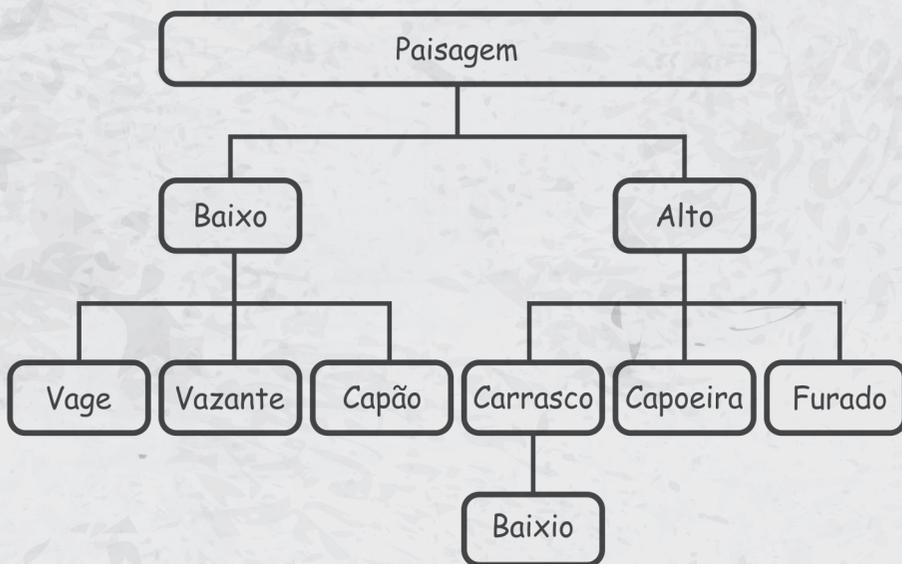
do rio não chega até as terras do alto não. Lá tem outros ambientes diferentes daqueles lá da baixa. No alto nós encontramos o **Furado**, a **Capoeira** e o **Carrasco**, e dentro do carrasco tem o **Baixio**.

- **Equipe do projeto:** Peraí. Eu acho que não entendi direito não, tem o furado, a capoeira o carrasco e dentro do carrasco tem o baixio, é isso mesmo?
- **Seu Mariano:** É.
- **Equipe do projeto:** Mas como eu faço para entender cada um desses ambientes do alto?
- **Seu Mariano:** Vamo fazer o seguinte. Vamos dar uma volta por lá que eu te mostro. [e fomos] Está vendo esses dois tipos de mato que tem aqui. Essa é a capoeira e este é o carrasco. O carrasco é terra de madeira alta, terra de cor vermelha e é aqui que nós encontramos o Mucunã, o Carrasquinho, o Ararico, o Pau da Véia. O carrasco a gente usa pra criar gado.
- **Equipe do projeto:** E a capoeira ali do lado?
- **Seu Mariano:** Então, a capoeira era um carrasco, antes, mas devido ao uso que foi dado, ela ficou diferente. É uma mata mais baixa que agente usa pra criá

gado também. Se nós formos entrar e andar ai dentro do carrasco, nós vamos encontrar o baixio. Você vai andando dentro do carrasco e de repente começa a descer um pouquinho. É uma região de terra baixa, ali a terra é preta, é tipo um barro preto de folhas. Ali, ali é o baixio! É onde as árvores crescem mais que as árvores do carrasco.

- **Equipe do projeto:** E aquela parte ali? A que parece um buracão?
- **Seu Mariano:** Aquela parte ali é o furado. Aqui o mato é de menor tamanho, você pode ver alguns tipos de plantas como a Batata de Purga, a Malva Branca, a Xanxinha e outras. Se você olhar para a terra mais de perto, vai ver que ela é branca e mal drenada, a água não entra nela direito não. A água fica empoçada ali até o início da seca. Às vezes, quando a cheia é grande, as águas do furado podem transbordar e formar um córrego até o rio.

Com toda essa conversa organizamos um esquema e duas tabelas para fica mais fácil entender estes ambientes e pedimos ao Seu Mariano para dar uma olhadinha e ele achou que ficou bom.



Quadro 1. Ambientes do **BAIXO**: Mais baixos e próximos ao rio, onde a água do rio pode chegar dependendo da cheia, estão sujeitos a inundações.

Tipos de Ambientes	Tipo de Terra	Plantas encontradas	Formas de Uso
<b>Capão</b>			
"A água seca em roda", devido a ser a região mais alta do Baixo. Cordão arenoso coberto por floresta e isento de alagamento no período de chuva.	Terra branca arenosa.	Araçá, Imburana vermelha, Pau de Sangue, Espinho D'agulha, Articum, Imbu, Jabuticabado-mato, Juazeiro, Mandacaru, Maria-ninha, Palmatora, Pinhão.	Moradia, criação de animais como boi e cavalo, e plantio de roças como abóbora, amendoim, batata doce, feijão, mandioca, melancia, milho, pastagens. Além de utilizar para coleta de madeira e lenha.
<b>Vage</b>			
A água fica empoçada após as chuvas. Todo ano alaga no período de chuva.	"Barro colento", duro. A terra não é boa.	Pau Jaú, Braúna, Ranca Gibão.	Pasto e "maió o gado" (descansar e beber água).
<b>Vazante</b>			
Caminhos pelos quais a água vaza após as enchentes. Todo ano alaga no período de chuva.	Terra preta com barro mais solto. A terra é boa.	Araçá, Assusinha, Ingazeiro, Jatobá, Jenipapo, Pitomba, Quixabeira.	É bom para produzir arroz, cana, capim e feijão.

Quadro 2. Ambientes do **ALTO**: É onde a água do rio não chega no “tempo das águas” (a época chuvosa). No Alto existem áreas que não possuem vegetação arbórea, devido ao tipo uso dado, como é o caso das “mangas” para o gado. Segundo as entrevistas, antigamente, quando a cheia era grande, o Furado podia se conectar com o rio através de pequenos córregos. Neste ambiente ocorre apenas “mato pequeno”, ou seja, uma vegetação esparsa e de pequeno porte.

Tipos de Ambientes	Tipo de Terra	Plantas encontradas	Formas de Uso
<b>Baixio</b>			
Região rebaixada dentro do Carrasco.	Terra preta e fértil, com folhas de plantas.	Plantas mais altas que as do Carrasco.	Plantio de roça de arroz, pastagem e solta do gado.
<b>Capoeira</b>			
Já foi um ambiente de Carrasco, mas foi modificado e está em processo de regeneração.	Terra vermelha.	Carrasquinho, Ararico, Pau da Véia.	Extrativismo e criação de gado.
<b>Carrasco</b>			
Ambiente florestal com madeiras de lei.	Terra vermelha, “de madeira alta”.	Ararico, Aroeira, Carrasquinho, Casquinha, Catuaba, Espinho D’Aguilha, Imburana, Licuri, Língua de Vaca, Mucunã, Pau D’Arco, Pau da Veia, Pau-Preto.	Extrativismo e criação de gado. Plantio de roças de mandioca. Pastagens.
<b>Furado</b>			
Região rebaixada onde as águas acumuladas na época chuvosa são armazenadas durante mais tempo, sendo conservada até o início da seca.	Terra branca e mal drenada.	Amarelinha, Batata de Purga, Fedegoso, Malva Branca, Velame, Xanxinha.	Levar o gado para beber água.

## Quintal: um ambiente diferente

Durante a pesquisa, um local que recebeu atenção para o estudo das plantas foi o quintal. Ao perguntarmos a diferença entre quintal e terreiro, um gurutubano nos esclareceu:

“  
é uma coisa só, aqui nós falamos  
terreiro, na cidade eles falam  
quintal  
”

Mas, no quintal não tem só plantas. Em geral, o quintal abrange o local ao redor da casa em que há plantio e criação de animais. É uma área de cuidado diário, devido às inúmeras plantas cultivadas, de pequeno à grande porte, além da criação de bichos como cachorros, aves, galinhas e porcos. Por isso, o quintal também permite uma carniinha ou um ovo na hora do almoço.

Quintal é um lugar onde as pessoas cuidam com muito carinho e esforço e, geralmente, são as mulheres que cuidam deles, enquanto os homens estão cuidando das criações maiores (vacas) e das roças. Por tudo que acontece no quintal, ele aparece como um ambiente diferente, mas que, também, faz parte e compõe a paisagem de Malhada Grande.

Comparando com a roça, no quintal a paisagem muda, os ambientes, as plantas e seus significados também mudam. Geralmente, as plantas da roça são abóbora, amendoim, batata doce, feijão, mandioca, melancia e milho. Lá estão as mangas para a criação de animais. No quintal o que mais tem

é pé de fruta, como umbu, manga, goiaba, limão para fazer suco e tomar chá, pinha para chupar, acerola, mamão, e muitas outras plantas, além da água de coco para beber e folhas de chá para muitas doenças e mal estar. No quintal ficam plantas de remédio (de chá) para uma emergência na saúde:

Faz suco na hora da comida. Vai na horta e tira uma folha. Corta folha de laranja no meio em água fervendo sai tudo que é pensamento ruim.

Antigamente a gente bebia esses remédios, de roça né, a gente não procurava médico nenhum. Tem bastante planta que é para remédio. Cidreira, sete-dor, alecrim...

Essas plantas estão em quase todos os quintais da comunidade e são muito importantes na alimentação do dia a dia. Dos quintais saem alimentos seguros, pois, em

Malhada Grande as plantas dos quintais normalmente são livres de agrotóxicos e de organismos geneticamente modificados, o que deixa a alimentação mais saudável.

O quintal também é lugar de fazer horta. Algumas hortas da comunidade de Malhada Grande ficam bem perto do rio. Outras são nos quintais mesmo, já que algumas famílias não ficam muito perto do rio. Muitos moradores da comunidade disseram que fazem a horta na época da seca, porque na época das águas dá muito inseto e mofo. É na horta que encontramos muitas plantas alimentícias como alface, alho, beterraba, cebola, cebolinha, cenoura, coentro, jiló, mostarda, pimentão e quiabo. Existem também outros tipos de plantas que servem como temperos, como a pimenta e a salsa. Para manejar a produção é costume “Plantar, nas cabeceira da horta, as plantas de cheiro que evita as praga que dão na horta”.

Os quintais de Malhada Grande ajudam na garantia do sustento da casa, pois as pessoas de lá consomem os alimentos que produzem

nos quintais. Além disso, os quintais também ajudam nas interações e coesão social, pois nele, os vizinhos, familiares e amigos se encontram. Ter um quintal é um valor cultural para os moradores de Malhada Grande, pois ele permite as trocas e doações de alimentos e de plantas entre vizinhos, o que fortalece os laços de solidariedade dentro da comunidade: “Cê podia me dá uma galha dessa planta? É bom demais poder fazer isso”.

Uma função muito importante do quintal da comunidade é que ele faz sombra em volta, em “roda”, da casa. Essa é uma função também de todos os quintais das demais comunidades rurais da região do Norte de Minas marcada pelo clima semiárido que “arrebata a gente”. O quintal dá uma sombra fresca e as pessoas podem se refrescar embaixo das árvores.

Além das plantas e dos animais presentes nos quintais, existem também as cisternas que captam a água da chuva e guardam para a época da seca. Na comunidade existem dois tipos de cisterna que vieram de um projeto da Articulação

Moço! Aqui faz muito sol e muito calor. Tem algumas plantas que servem só para fazer sombra mesmo, a Sombrinha é uma delas. Tem outras, que nem a mangueira, dá fruta e sombra. Essa sombra que as plantas fazem é muito boa para os bichos também, quando o sol tá bravo, as galinhas ficam na sombra. Os cachorros e os gatos também gostam de ficar na sombra.

lação do Semiárido (ASA), que em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA). O primeiro Projeto (P1MC) tinha o objetivo de construir um milhão (1.000.000) de cisternas no semiárido brasileiro. Estas cisternas foram construídas para guardar água de chuva para o consumo da casa, ela serve para beber, para cozinhar, tomar banho e outras coisas. Ela guarda cerca de 16.000 litros de água.

A segunda cisterna faz parte do projeto Uma Terra, Duas Águas (P1+2). Este é para as famílias que já tinham a cisterna do P1MC. É

chamado popularmente de “projeto terreirão”, porque constrói um terreiro para captação da água da chuva. Neste caso, a cisterna fica enterrada no chão e a água dela é usada para molhar as plantas do quintal, da horta e para os animais. Essa cisterna é bem grande, com capacidade para armazenar 52.000 litros de água. Dizem os moradores que, se souber usar, dá para ter água o ano todo, mas, para encher essa cisterna, tem que chover bastante. Por conta dessas cisternas, mesmo na época das secas, o quintal fica cheio de folhas e frutas.

No quintal também ficam algumas alguns instrumentos que marcam as práticas culturais de Malhada Grande. Assim, lá está o pilão para o preparo de temperos e também para preparar o arroz no pilão. O quintal é também o lugar utilizado para guardar as carroças e é onde, antigamente, ficavam os carros de boi.

Encontramos também caixas de criação de abelhas nativas nos quintais. Na época da pesquisa, Seu Mariano criava abelhas “oropa”, abelhas com ferrão, de onde extraia um mel muito delicioso! Ele contou sobre algumas das abelhas

nativas encontradas na região como a tiúba, a jataí, a manduri, a mandassáia, a asa branca, a bocão e a tataíra. Segundo ele, as plantas boas para criar abelhas são o assa-peixe, o girassol, a braúna, a aroeira e o tumarim. Por falar em ferrão, havia, ainda, os marimbondos, o preto, o verdadeiro, de galha de pau e o caboclo.

Os quintais dão cores, formas e belezas nas casas do povo. Nele, as crianças e adultos se divertem, os mais velhos aliviam o estresse do dia-a-dia e podem até conversar com as plantas. Nele acontecem as “formozuras” que alimentam a alma:

O quintal é o maior divertimento, pra sair, ficar olhando a natureza. Casa é só pra quando tá trabalhando.

No dia que eu tô muito nervosa em casa, eu saio no quintal e vou tirando uma folha veia, limpando e as coisas ruins da cabeça, vão saindo. É bom para distrair.

Ao serem perguntados se teria como viver sem um quintal, os quilombolas de Malhada Grande disseram ser muito difícil e triste, pois:

Sem quintal a vida fica vazia. A gente perde até a alegria de viver.

É triste, não queria nem saber. É por isso que a casa de Mato Verde é tudo triste. Calor. Vou levar um alqueire de terra em cima d’eu, não leva nada dessa vida.

Se não tivesse ia ser feio e triste. Horrroso. Não ia ter alegria nenhuma.

Muitos momentos da vida de Malhada Grande acontecem nos quintais e a **agrobiodiversidade** deste espaço faz parte de todo um sistema socioambiental do modo de vida dos grupos tradicionais do norte mineiro.

## As plantas e a alimentação na comunidade de Malhada Grande

Antigamente, o povo gurutubano de Malhada Grande costumava fazer rapadura em grandes tachos e socar arroz no pilão, um arroz que era produzido por eles mesmos. Outra comida muito apreciada e saborosa, ainda nos dias de hoje, tanto para os moradores quanto para quem chega no lugar, é a deliciosa farofa do feijão gurutuba.

Um ritmo do tempo marca as produções, as coletas e o consumo. No período das águas, de outubro a fevereiro, a maioria das plantas estão carregadas de frutos, há água em abundância e muito trabalho nas roças. Essa é a época das partilhas da colheita. É o momento de grande fartura na comunidade.

Muitas das plantas encontradas no quintal vieram de mudas ganhas dos vizinhos e de parentes que moram próximos. Ainda são frequentes as visitas nas casas de parentes e amigos. Nessas visi-

tas, as “*peessoas dividem e dão as sementes ou mudas para os vizinhos*”.

De acordo com depoimentos, várias mudas vieram da Fazenda Maravilha (Hélio Pinheiro), do Projeto Terreirão e do Centro de Agricultura Alternativa (CAA). A prefeitura também doou mudas. Além disso, como disseram os moradores de Malhada Grande: “*algumas plantas dos quintais estão ali porque elas têm caroço, como manga e pinha.*” É costume, depois de comer essas plantas, jogar as sementes no terreiro, quando “*a gente vê, as mudas já nasceram.*”

Outras plantas são nativas da região como canjirana, jatobá, jenipapo e umbu. É costume também que, quando não tem uma planta no quintal e nem nos vizinhos, e eles querem uma muda dela, a opção é ir à Mato Verde e comprar a muda do caminhão.

As plantas têm diversos usos na comunidade: servir de remédio, de alimento, dar água de beber, madeira para construção de casas, sombra e também para enfeitar a casa de cores e cheiros. A partir dos usos dados às plantas, foi possível também identificar diversas formas de preparo e consumo, como descritos no Quadro 3.

Ao ler esse quadro das formas de uso podemos ver como é importante o registro desse conhecimento, pois, quando posto em prática, diminui a dependência da compra no mercado externo, o que pode aumentar a **segurança** e **soberania alimentar**. Ter o que comer, na quantidade necessária e com autonomia para produzir, usar e manipular os alimentos respeitando costumes e tradições assegura uma vida mais feliz.

Para esses quilombolas, como para todos os agricultores familiares, principalmente para as populações tradicionais, **poder escolher o que plantar e o que coletar, onde, como e quanto plantar**, define seu jeito de ser e de viver. Desse poder de decidir sobre a alimentação surgem as tradições alimentares

e, no caso de Malhada Grande, marca a própria identidade quilombola. Por isso fica evidente a necessidade da conquista e reconhecimento do **território**, pois nele é que acontecem suas práticas de coleta e de cultivo, que asseguram a produção e a reprodução (continuidade) da vida gurutubana.

Atualmente, a ASA Semiárido, o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas e outras organizações atuam, em conjunto com as comunidades, na busca pelos direitos aos territórios. A ação dos quilombolas, com apoio de pesquisadores e outras organizações dos movimentos sociais, é que tem garantido a continuidade deste trabalho!

Para ajudar nesse sentido, na última cartilha desta coleção é apresentado um **Catálogo de Registro** chamado **Etnobotânica das Plantas alimentares de quatro comunidades tradicionais do norte de Minas Gerais**. Nele estão registradas as plantas citadas e o conhecimento elas associado. Essas informações foram coletadas durante a pesquisa em Malhada Grande e nas demais comunida-

Quadro 3. Formas de preparo e consumo na alimentação da comunidade quilombola de Malhada Grande, Catuti, MG.

Formas de preparo e consumo	Descrição dos usos e plantas
Assados	Nessa categoria temos os bolos, as roscas, os biscoitos e os assados no forno ou direto na brasa. As plantas mais utilizadas são a batata doce, o coco, o jatobá, a mandioca e o milho.
Bebidas	São diversos os usos, olha só: vitamina, suco, café, consumo direto, cachaça e acompanhamentos, vinho, licor, embuzada, polpa. Manga, umbu, goiaba, acerola, limão/limão Tahiti, abacate, coco, jenipapo e laranja são as plantas utilizadas.
Consumo in natura	Os usos são chupar, comer e comer com açúcar. As plantas usadas são: Manga, Umbu, Melancia, pinha, Goiaba, Mamão, Araçá, jenipapo, abacate, banana, laranja.
Cozidos	Nesta categoria está o angú, a canjica, o cozido, o cozido com carne, o cural, o mingau, o mugunzá e a pamonha. As plantas usadas são: arroz, batata doce, beterraba, feijão, feijão andu, feijoa, gravatá, inhame, mandioca, milho e soja.
Doces	Estão a cocada, o doce, a paçoca e a rapadura. As plantas usadas são: abacate, abóbora, acerola, amendoim, banana, cana, chicha, coco, gergelim, goiaba, mamão, mamãozinho/mamãozinho do mato, mandacaru, melancia e umbu.
En SOPADOS	Os usos são afogado, ensopado, molho e sopa. As plantas utilizadas são abóbora, abóbora d'água/verde, abobrinha, cariru, caxixa/caxixe, cenoura, fedegoso, mamão, mandacaru, mandioca, maxixe, melancia, palma, pimentão, quiabo e tomate.
Farinhas, Beijus e gomas	Os usos são beiju, cuscuz, farelo, farinha, gralão, tapioca. Usa nestes preparos cieba, inhame, jatobá, mamãozinho/mamãozinho do mato, mandioca, mandioca brava, milho, mucunã e mucunã do mato.
Farofa	O uso é preparar a farofa. As plantas utilizadas são cariru, fedegoso, feijão, feijão andu, e maxixe.
Frituras	O uso é a fritura. As plantas são abóbora, batata doce e mandioca.
Óleos	O uso é o preparo de óleos. As plantas usadas são caju e moringa.
Saladas	Faz saladas das plantas alface, couve, moringa e tomate.
Temperos	Os usos são para comer, corante, pimenta e tempero. As plantas usadas são cebola, cebolinha, coentro, corante/urucum, limão/limão tahiti, pimenta malagueta, pimenta passarinho, pimentão e pimentinha.
Torrados	Usa o amendoim e o chichá torrados.
Outros	Limpar a água no caso a semente da moringa. Tirar a gordura da comida com o limãozinho. E fazer pipoca com o milho estourado.

des pesquisadas. Na forma de quadros estão apresentados os nomes populares e a identificação científica, que chamamos de identificação botânica, em espécies e famílias, bem como informações sobre os nomes dados às variedades, a parte usada, as formas de uso que a comunidade faz, os locais de coleta ou ambientes mais propícios de sua produção e outras observações importantes feitas pelos moradores sobre cada planta. Neste catálogo, as plantas foram separadas por comunidades e em dois quadros: **Plantas Alimentícias de Uso Comum** e as **Plantas Alimentícias Emergenciais**.

As PLANTAS ALIMENTÍCIAS DE USO COMUM são em grande número e revelam a diversidade de plantas alimentícias que a comunidade domina. Todo esse conjunto de conhecimentos forma rico patrimônio da comunidade de Malhada Grande que foi construído ao longo dos anos mais de 200 anos de convivência e resistência naquele território.

Na pesquisa que deu origem a essa cartilha, com os moradores de

Malhada Grande, foi possível registrar **92 plantas** que eram utilizadas na alimentação. Eles cultivavam grande diversidade de plantas nos quintais e hortas (**65 plantas**) e nas roças (**17 plantas**). Eles indicaram, ainda, mais **22 plantas alimentares** nos ambientes das matas. Nessa diversidade de plantas fica evidente a diversidade de ambientes. Por isso, falar do conhecimento de plantas entre os gurutubanos é falar sobre segurança e soberania alimentar e realçar a sua luta constante pelo direito de acesso ao território e à terra.

As plantas que chamamos de PLANTAS ALIMENTÍCIAS EMERGENCIAIS foram aquelas citadas como plantas utilizadas em momentos de alguma dificuldade, principalmente na época das grandes secas, quando todas as alternativas alimentares já tinham se esgotado. Elas são muito resistentes na seca e, normalmente, devem ser bem preparadas para não dar efeito indesejável no organismo e ficam mais fáceis de serem consumidas. Na comunidade foram registradas **25 plantas emergenciais**. Os conhecimentos registrados sobre essas plantas podem estar se per-

dendo, pois entre os quilombolas mais jovens, elas já não são vistas como um “bem de valor”, como explicou uma moradora local:

“Hoje em dia a precisão [de usar] acabou. Povo mais novo não quer saber delas, mesmo nunca tendo comido, só querem modernidades. Não tem mais precisão porque os governos ajudam dando comida, não precisando de caçar mais coisa pra comer no mato. Os meninos até falam: ‘Esse trem vai matar a gente!’”

Este depoimento ressalta a importância de se conhecer bem as tradições no uso das plantas, pois dependendo do preparo, ela pode, realmente, causar alguma coisa ruim como chumbar (deixar tonto, embriagado), entupir (causar congestionamento intestinal), errar (causar tonteira, vômito e mal estar.) e até matar uma pessoa, dependendo da forma do preparo.

Algumas dessas plantas tinham o gosto ruim e exigiam grande

sacrifício em seu preparo para comer. Essas plantas remetem às lembranças dolorosas de tempos difíceis, mas que trazem muita lição sobre a necessidade de resistência e coragem, uma marca na memória social desse povo.

Esse tempo de sofrimento foi lá pelos anos de 1890 e 1939, quando as relações sociais de produção eram marcadas por grande exploração e expropriação dos resultados do trabalho do agricultor. Essa falta de comida acontecia quando tinha falta de chuva ou a chuva já tinha ido embora, na hora que iam plantar sua roça, pois antes estavam trabalhando para o patrão. Como disseram:

“Os meninos ficavam tudo com fome e os pais desesperados, sem ter o que dar pros filhos comer, saiam pra procurar serviço fora. Em 1939 alguns pais foram pra Morrinho, um lugar perto da comunidade. Mas não achavam muito serviço não, toda região estava muito seca. Mas o pior foi pior em 1890.”

Muitas pessoas na luta, prá ficarem vivas, naquele tempo, saíram caçando frutas, folhas, qualquer tipo de pau pra comer, testando se dava pra comer mesmo. Tempo difícil demais. O povo foi dando um jeito de preparar as plantas pra que não fizesse tanto mal. Comiam desconfiados, arriscando. Muitas dessas plantas, o povo nem acredita que dá pra comer! Algumas o povo nunca mais comeu, os mais novos nem conhecem. E a gente tem que tomar muito cuidado mesmo, não dá pra ir comendo assim não. Tem que saber direitinho como preparar.

Nós via só os pé de imbuzeiro cavacado que os povo tirava as raiz.

Mas eles comiam assim mesmo, só pra não morrer de fome, só pra não dizer que não tava sem comer.

Comia isso! Mas se fizesse mal feito [a cieba], ervava, gomitava... Mas não era pra dizer que estava enchendo barriga não!

Era muito perigosa a mamona. Eles comeu mesmo porque tava passando fome! Achou que pra não morrer, comia esse trem, mas só que é perigosa. Quando os povo pisava ela, tem vezes que fazia sabão, e os povo ficava em roda, os povo pisan-do e os menino comendo do pilão, panhando e comendo. Aproveitava e comia pra não morrer de fome, tava tudo com fome...[...]

Saia caçando. Ficava nos mato, moça! Ficava tudo nos mato, o povo vivia tudo nos mato caçando. Tinha vez que nem roupa pra vestir não tinha, rasgava tudo nos mato, caçando trenzinho tudo pra comer. Tempo difícil demais.

Comia tudo que achasse, tinha coisa que eles comia até sem saber se podia comer tudo, eles olhava assim e comia. Só pra viver, só pra não morrer.

O povo tinha que dar um jeito, minha filha. As mães saiam pelas matas com menino no colo procurando comida... Foi pior em 1890. Naquela época tinha umas que até procurar o filho pelas matas, não conseguiam procurar mais. Outros criavam sem nunca conhecer a mãe, porque a mãe dos coitados não voltava mais. Algumas delas morriam na estrada, morriam de fome, não tinham o que comer, né? Não sabia se a mãe morria ou se alcançava algum lugar e por lá sobrevivia e depois já não conseguia mais voltar. Só se sabe que muitos filhos foram criados sem conhecer a mãe. Outras delas que saia com o menininho, de tanta fraqueza de fome, morriam. Contava os antigos, que o filho pequeno ficava mamando no peito delas e elas mortas. Imagina que sofrimento grande foi esse!

Sobre a coleta e preparo dessas plantas emergenciais, também foi alertado pelos moradores, que há perigo da perder este conhecimento devido às degradações ambientais. “Acabou as matas, ninguém conhece a planta que é”.

Portanto, atualmente, outros estudos tem sido feitos para comprovar os efeitos de cada planta e muitas delas tem se mostrado muita ricas em nutrientes. Assim,

com cuidados no preparo, essas plantas emergenciais poderão ser ainda importantes para garantir a segurança e soberania alimentar do grupo.

Para toda a equipe de pesquisa ficou claro que os quilombolas gurutubanos e moradores de Malhada Grande usam, preservam e assim perpetuam, não somente, espécies de plantas, mas ricos conhecimentos sobre elas e seus

ambientes. Com certeza, o resto da sociedade reconhece que os gurutubanos são portadores de um patrimônio importante para toda a humanidade. Esperamos que, com

o registro desses relatos, possamos contribuir para que Malhada Grande continue cantando, cantando, festejando e escrevendo sua história com alegria, luta e união.

## Agradecimentos finais

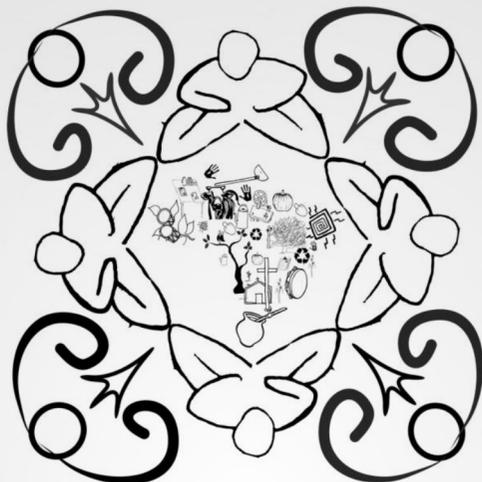
Agradecemos a todas as pessoas que receberam a Equipe de Pesquisa em suas casas, que pararam seus afazeres e compartilharam conosco seus conhecimentos e suas histórias de vida. Com este humilde material esperamos contribuir e fortalecer a luta do povo gurutubano pelo seu território e sua soberania alimentar!







# PROJETO POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, SABERES E PRÁTICAS – 2015



PROJETO ETNOBOTÂNICA E SOBERANIA ALIMENTAR NO NORTE DE MINAS  
GERAIS: RESGATE DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS TRADICIONAIS ENTRE  
GERAZEIROS, CAATINGUEIROS, VAZANTEIROS E QUILOMBOLAS

A COLEÇÃO NORTE DE MINAS É FORMADA PELOS SEGUINTE VOLUMES:

- Cartilha 1: Ambientes, história, identidade e plantas alimentares
- Cartilha 2: Quilombolas gurutubanos de Malhada Grande:  
sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 3: Vazanteiros do Pau Preto: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 4: Geraizeiros do Sobrado: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 5: Caatingueiros do Touro: sua história, saberes e práticas com plantas alimentares
- Cartilha 6: Caderno de receitas de comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais
- Cartilha 7: Seu Mariano: uma homenagem a um lutador de Gurutuba
- Cartilha 8: Catálogo de Registro da Casa de Sementes de Seu Geraldo Gomes,  
Touro - Serranópolis de Minas
- Cartilha 9: Catálogo de Registro Etnobotânica das Plantas Alimentares  
de quatro comunidades tradicionais do Norte de Minas Gerais